

# HISTÓRIAS ANTIGAS E PRODUÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO:

um relato de experiência sobre o protagonismo discente na UFRN (Natal, 2023)



<https://doi.org/10.21680/1984-817X.2025v1n01ID38457>

Manuela Aguiar Damião de Araújo

## RESUMO:

O presente artigo faz parte de uma experiência realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus I, Natal, com estudantes da licenciatura em história no ano de 2023 em *Prática como componente curricular II*. De acordo com os objetivos gerais e específicos deste componente, analiso como o protagonismo discente foi uma metodologia de estudo sobre o oriente antigo levando em consideração a confecção de livros didáticos a partir de leituras realizadas com Foucault (2009), Said (1996), Moralis & Silva (2020) Hecko (2021), Pereira & Seffner (2018), Pozzer (2020;2018); Fattori (2020) entre outros para que pudéssemos dialogar com uma historiografia oriental revisitada em diálogo com a raça, a representação feminina, história cultural e tempo presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Antiga Oriental; Formação Docente; Livro Didático; Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ANCIENT STORIES AND TEXTBOOK PRODUCTION: an experience report on student's protagonist at UFRN (Natal, 2023)

## ABSTRACT:

This article is part of an experiment carried out at the Federal University of Rio Grande do Norte, campus I, Natal, with undergraduate students in history in 2023 in *Practice as a curricular component II*. According to the general and specific objectives of this component, I analyze how student protagonism was a methodology for studying the ancient East, taking into account the creation of textbooks based on readings carried out with Foucault (2009), Hecko (2021); Pereira & Seffner (2018), Pozzer (2020; 2018); Fattori (2020) among others so that we could dialogue with an eastern historiography revisited in dialogue with race, female representation, cultural history and the present time.

**KEYWORDS:** Ancient Eastern History; Teacher Training; Textbook; Federal University of Rio Grande do Norte

## O ensino da História Antiga Oriental: primeiros caminhos metodológicos para a formação docente

A história antiga e a produção do livro didático pelos estudantes de história da UFRN, Campus Natal, fizeram parte da proposta do componente curricular intitulado *Prática como componente curricular II* que foi ofertado no ano de 2023. Como docente deste componente, este artigo se apresenta como um relato de experiência no semestre 2023.2 com turmas no turno da manhã e da noite<sup>1</sup> ao colocarmos em questão o estudo do oriente antigo, a seleção de conteúdos, suas fontes e desafios para o ensino básico. O *PCCII* tem como ementa o estudo dos conceitos, conteúdos e releituras da antiguidade em suas múltiplas facetas na contemporaneidade levando em consideração como essas releituras podem ser realizadas de forma prática em sala de aula enquanto etapa da formação docente.

Por isso, ao longo da ementa são apresentadas algumas atividades que podem ser realizadas enquanto um produto final a fim de que seja apresentado, no final do semestre, peças teatrais, jogos de tabuleiros e digitais, sítios, *blogs*, livros didáticos de história, entre outros. Para o semestre de 2023.2 foi escolhido o livro didático de história para que pudéssemos fazer uma ponte tanto com o objetivo geral<sup>2</sup> como os específicos<sup>3</sup> elaborados para problematizarmos as releituras da antiguidade, dando destaque ao oriente. Um dos desafios como docente deste componente foi elaborar um plano de curso voltado para o debate sobre fontes para o estudo da antiguidade do oriental assim como o acesso dos discentes às fontes que dialogassem com suas propostas de estudo.

<sup>1</sup> O turno da noite era composto por 62 discentes e o turno da manhã por 36 discentes.

<sup>2</sup> O objetivo geral elaborado para o componente foi: Analisar as releituras da Antiguidade na contemporaneidade destacando as diretrizes, parâmetros e instruções do MEC para o ensino de História Antiga Oriental e suas fontes

<sup>3</sup> Um dos objetivos específicos diante da escolha do livro didático de história a ser confeccionado foi: Problematizar a história antiga oriental no livro didático levando em consideração os desafios da contemporaneidade quanto à pesquisa de fontes, seleção de conteúdos e historiografia contemporânea

### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Nessa trajetória, o plano de curso teve uma abordagem vinculada à releitura dos livros didáticos no que se refere à temática oriental com autores/autoras que trouxeram contribuições para repensarmos a construção e seleção de conteúdos nesses livros. Diante dessa premissa, autores como Michel Foucault (2009) e Edward Said (1996), inicialmente, foram fundamentais para os planejamentos teóricos e metodológicos ao longo das três unidades do semestre.

Com os dois autores em questão comecei os primeiros caminhos do planejamento para os questionamentos necessários à elaboração de um conteúdo além do que tinham estudado no ensino básico. A proposta inicial foi levar para a sala de aula algumas dúvidas assim como observações em como o oriente era representado levando em consideração o que Said destacou: “mesmo que não sobreviva como antigamente, o orientalismo continua a viver academicamente através de suas doutrinas e teses sobre o Oriente e o oriental” (SAID, 1990, p. 14). Doutrinas e teses que precisaram ser levadas para a formação docente com o propósito de começarmos a estudar de que forma esta prática orientalista poderia ser um ponto de partida para as análises dos livros didáticos no ensino básico.

Assim, a sala de aula passou a ser um dos meus caminhos para essa ressalva sobre o Oriente e o oriental. Uma ressalva que sempre esteve presente na minha trajetória como historiadora que percebia as estratégias discursivas na seleção de conteúdos para o oriente antigo com suas repercuções na historiografia. No primeiro momento do meu planejamento, para analisar a produção da história antiga oriental, foi com Edward Said. Com ele, percorri o seu estudo sobre o orientalismo enquanto uma “instituição organizada para negociar com o Oriente” (Id. Ibid., p. 15) que coloniza suas imagens, seus conteúdos, suas fontes. Uma prática institucional que, segundo ele, autoriza opiniões e constrói uma autoridade de fala e de escrita que precisam ser denunciadas.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Nos caminhos e descaminhos dessa denúncia, o que estava em questão era que os discentes percebessem como a seleção de conteúdos para história antiga oriental, no livro didático, é um desdobramento dessa autoridade que a instituição dissemina. Por consequência, analisar os “aparatos de ideias ‘orientais’ (despotismo oriental, esplendor oriental, crueldade, sensualidade orientais)” (Id. Ibid., p. 16) presentes e ratificadas tanto no conteúdo como nas escolhas imagéticas que acompanhavam a produção textual.

Foi neste momento que a presença da professora Margarida Dias, nos dois turnos do componente curricular, foi importante a fim de que a história do livro didático fosse partilhada com os discentes assim como a apresentação do Memorial do PNLD<sup>4</sup>. O memorial foi fundamental já que o acesso digital das obras inscritas em todas as edições do PNLD poderia ser estudado, problematizado e pesquisado de acordo com a proposta do componente curricular: uma revisão da história antiga oriental. Foi a partir do memorial que os discentes puderam ter acesso a livros didáticos, caso não tivessem algum em mãos, para os primeiros passos necessários para denunciarmos os aparatos dessas ideias ‘orientais’.

Essas denúncias aconteceram ao longo das primeira e segunda unidades do componente ao observarmos de que forma os livros didáticos legitimavam o despotismo oriental, o esplendor oriental e assim por diante. Nesse momento de visualização e análise, Michel Foucault foi um dos caminhos importantes para os encaminhamentos importantes da formação docente em *PCCII* em razão da centralidade da análise de discurso. Uma análise fundamental para os futuros docentes estudarem o orientalismo e seus desdobramentos enquanto uma prática discursiva que envolve poderes e desejos visto que a “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. (FOUCAULT, 1996, p. 10)

---

<sup>4</sup> Para conhecer o memorial, acessar o site: [www.cchla.ufrn.br/pnld](http://www.cchla.ufrn.br/pnld)

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O desejo, o poder e as interdições que marcam a citação acima me trouxeram elaborações acerca de cada aula de orientações para reavaliar o livro didático e o discurso orientalista. Ou seja, a partir do momento que outros temas surgiam com questionamentos dos discentes perante o Oriente, mais o livro didático entrava em cena como objeto de pesquisa principal em sala de aula. A partir do momento que outros conteúdos eram solicitados pelos discentes, mais o livro didático se tornava uma ponte para outras pesquisas e busca de outras fontes.

Diante destas e de outras perguntas, a análise do discurso começava a dar os primeiros passos para uma investigação sobre o que foi interditado a respeito do Oriente. Nesse caminho, a seleção dos conteúdos sobre a história antiga do oriente não foi algo ingênuo. Pelo contrário. O que Michel Foucault trouxe, juntamente com Said, foi um estudo importante para a formação docente: apontar o livro didático como uma política dos desejos e que “caracteriza-se, nessa dimensão material, por ser uma mercadoria ligada ao mundo editorial e à lógica da indústria cultural do sistema capitalista” (BITTENCOURT, 2009, p. 301).

A partir do momento que essa trajetória foi construída, passei para o segundo momento do planejamento com o intuito de buscar, juntamente com os discentes, outros caminhos possíveis para o ensino da história antiga oriental. Como ponto de partida para o segundo momento, tive como apoio o debate da cultura política de Rüsen (2011, p. 109) quando destacou: “Todos os especialistas estão de acordo que o livro didático é a ferramenta mais importante no ensino de história”

Sendo assim, os encaminhamentos construídos, diante dessa ferramenta para o ensino de história, foi a propositura de pesquisa realizada pelos discentes sobre fontes que dialogassem com os livros didáticos que tinham escolhido analisar. Ou seja, a partir da leitura, análise e estudo sobre a história do oriente antigo nos seus livros, os discentes planejaram planos de ação para pesquisar fontes a partir de

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

temáticas que consideraram fundamentais a serem abordadas no ensino básico além daqueles presentes nos seus estudos.

Levando em consideração a passagem de Rüsen, e trazendo para a formação docente, esse segundo momento foi fundamental para que houvesse provocações sobre as preocupações e interesses pelo ensino de história. Segundo o autor, a partir do momento que a atenção é voltada para o livro didático, mais a licenciatura e os licenciandos podem debater sobre o significado de cultura política. Seguindo essa premissa, as escolhas dos discentes, enquanto uma ação política, colocou o Oriente e o oriental lado a lado com suas angústias, dúvidas e desafios que Said (1996) já havia mostrado sobre os resultados da colonização do saber.

Dessa forma, Leandro Hecko (2021, p. 46) foi fundamental para essa proposta de pesquisa de fontes históricas já que aborda os desafios do professor “diante de possibilidades reflexivas acerca do tempo passado (antigo) e presente (contemporâneo aos alunos), criando possibilidades didáticas que dialoguem com temas de interesse dos estudantes”.

Foi a partir daí que comecei as orientações para a busca de fontes históricas assim como a construção narrativa dos temas de interesse sobre a história antiga do Oriente. Mesmo com algumas dificuldades em relação às pesquisas nessa área, já destacado por Hecko (2021) sobre a falta de tradução para a nossa língua de algumas obras importantes, os discentes planejaram acesso tanto a dissertações como teses na área de história antiga oriental.

Neste momento, começaram a se preocupar com fontes históricas que poderiam usar em sala de aula no ensino básico de acordo com o que Maria Schmidt (2014, p. 45) afirmou: “preocupação com uma aprendizagem histórica a partir dos interesses dos alunos como um dos pré-requisitos para o desenvolvimento da consciência histórica”. Foi essa consciência histórica que levaram os estudantes a problematizarem e selecionarem conteúdos a partir de deus interesses para o ensino

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

de história antiga oriental e elenco os principais temas escolhidos para o estudo do Oriente na tabela abaixo:

**Tabela 01:** Temas escolhidos para estudo da História Antiga Oriental

O tempo babilônico na História Antiga	O Egito Negro
Os deuses da Mesopotâmia e a História Antiga	A deusa Ishtar e o ensino de História Antiga
As mulheres na Mesopotâmia	As mulheres dos palácios neo-assírio
Sexualidade no Egito Antigo	Medicina no Egito Antigo
Cinema e Egito Antigo	A filosofia, o Egito Antigo e o Reino Médio
O Reino de Kush	A mulher persa e a História Antiga
Musicalidade Assíria	Sexualidade na Antiga Mesopotâmia
Música na Mesopotâmia	As cartas assírias e o feminino
A sacerdotisa Enheduanna	Marcas na pele e ensino de História Antiga do Oriente
Crianças no Egito Antigo	O Egito Antigo e as rotas de comércio na Idade do Bronze
A cultura escrita dos babilônicos	Acessórios e adornos no Egito Antigo
O Rei Hamurabi e a História Antiga do Oriente	Hatshepsut: Uma mulher apagada da história do Egito Antigo
A Suméria e o Hino para Inana	O Livro dos mortos e mumificação no Egito Antigo

**Fonte:** elaborado pela autora.

Foi diante dessa primeira seleção de temas que a pesquisa de fontes históricas ocorreu. Considerando que o fazer historiográfico está intimamente ligado a essa procura do historiador, os discentes formaram duplas no intuito de analisarem tanto a fonte como as etapas para a confecção do livro didático. Nos lugares de produção, os discentes realizaram o segundo momento da prática historiográfica: a pesquisa das fontes históricas com o propósito de elaborarem a narrativa para a confecção do livro didático.

Na trajetória de reflexão e análise, os grupos apresentaram na sala de aula quais fontes foram selecionadas para que pudessem realizar a seleção de conteúdos para seu livro didático. Com a socialização da fonte histórica, cada discente problematizou o ensino de história antiga oriental e começaram a perceber como é

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

fundamental averiguar o porquê de certas fontes fazerem parte da história do oriente e outras, não.

Quando os discentes compartilharam suas pesquisas e apresentaram suas respectivas hipóteses de trabalho, a sala de aula para a formação docente se apresentou como um campo de leitura de um relato histórico e, consequentemente, repleto de outros conhecimentos sobre o passado que não tinham estudado no seu livro didático. Por conseguinte, todas as fontes históricas apresentadas não tinham o caráter de prova, mas de apresentar como a construção do conhecimento histórico é um produto elaborado pelo historiador, como mencionou Assunção de Barros (2012).

Foi a partir dessa interação teórica e metodológica em sala de aula que todos os grupos passaram a ler as fontes históricas como uma construção que precisamos fazer perguntas assim como percebê-las “como um engenho que uma determinada civilização criou para mostrar às gerações seguintes uma imagem de si mesma” (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p.127). Dito isto, a culminância desses debates em sala de aula foi a confecção de um capítulo de livro didático enquanto uma proposta teórica pedagógica para a intervenção no ensino básico sobre a história antiga oriental.

### O livro didático entre o Ensino Básico e Superior

O caminho para a culminância da *Prática como componente curricular II* foi percorrido diante da ressalva de que “o livro didático tem que levar em conta as condições de aprendizagem dos alunos e alunas (...) acima de tudo, ao nível de linguagem utilizado” (RÜSEN, 2011, p.116) Partindo desse pressuposto, elaborei o planejamento sobre como debater em sala de aula a produção de um capítulo de livro didático de acordo com as perguntas, hipóteses e fontes históricas escolhidas pelos discentes.

### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Nessa trajetória do debate proposto por Rüsen, as orientações e produções dos discentes caminharam em torno do que é esse formato claro e didática clara em relação não apenas à produção narrativa do tema escolhido, mas, também, à montagem estética do conteúdo. Ou seja, cada grupo elaborou sua narrativa diante do tema e fontes levando em consideração o público que leria seu capítulo. Desta forma, saber o público alvo foi uma das premissas importantes na primeira etapa para a produção do saber histórico na materialidade do livro.

Por isso, quando Rüsen destacou o *nível de linguagem utilizado*, os discentes do componente começaram a estudar qual a linguagem para o público tanto do ensino fundamental como para o médio. Também partiram da premissa de que a construção da narrativa histórica no livro didático toma forma juntamente com imagens, análise de fontes, atividades e propostas de pesquisa. Assim, ao levarem em conta as *condições de aprendizagem*, os discentes colocaram em questão o estudo dessas fontes numa *relação com a prática da aula* para que, finalmente conseguissem atrelar a teoria no ensino de história antiga oriental diante de perguntas e propostas do presente. Enfim, percebemos como os temas da tabela 01 estavam relacionados com a curiosidade assim como com as demandas que tanto os estudantes do ensino fundamental como do médio têm perguntado, analisado e, principalmente, pesquisado.

Por isso, foi importante os discentes perceberem como a história ensinada em sala de aula é fundamental para a construção de uma consciência histórica e que “o livro didático de história é um objeto de pesquisa histórica a ser tratado por historiadores” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2021, p. 238) e, também, escrito por eles. Como a maioria dos temas e fontes históricas selecionadas eram temas novos, a narrativa foi um processo importante de finalização dessa etapa do livro. As orientações e atendimentos giraram em torno das dúvidas, encaminhamentos e finalizações da seleção de conteúdos que viriam a ser diagramável.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Atentando para o que Helenice Rocha destacou no seu estudo sobre livro didático com temas nunca antes trabalhado: “elaborar um texto didático sobre um tema novo, ou acerca de um processo que ainda está em curso, os autores possivelmente não encontrarão ainda referências historiográficas em quantidade” (ROCHA, 2018, p. 95-96). E isso foi um dos desafios na produção do capítulo do livro. Sendo assim, em muitos momentos as referências em torno dos temas elencados estavam em outros idiomas assim como a impossibilidade de acesso aos artigos, livros, fontes, etc.

Como consequência disso, os discentes, enquanto futuros docentes, mostraram e analisaram os silêncios que Leandro Hecko já havia mencionado quanto às traduções. Além disso, começaram a realizar uma tarefa de prática vocabular da narrativa didática para “dar conta não apenas das exigências históricas e historiográficas, mas, também das condições cognitivas do público para o qual a narrativa é construída” (CAVALCANTI, 2018, p. 524). Nos caminhos e alguns descaminhos da confecção do capítulo do livro didático, a produção visual acompanhou a produção da narrativa. O aplicativo Canva foi útil para montar a diagramação a partir do que Erinaldo Cavalcanti chamou de “percurso de metamorfose” (Id. Ibid., p. 523), ou seja, transformar a narrativa em livro digital.

No caso do componente em questão, deixamos em forma digital a fim de que fosse inserido no fórum que foi aberto para toda a turma interagir com os livros didáticos produzidos. O resultado da confecção desses livros com duas turmas em turnos diferenciados, apresento no próximo tópico dando destaque à diagramação em torno das fontes históricas. Ao longo dessa apresentação, convido o leitor a interagir com a proposta dos discentes levando em consideração a formação docente e a importância de disciplinas como *Prática como componente curricular* para falarmos sobre os desafios da licenciatura com o ensino básico ao longo do curso de história da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

## Os discentes na História Antiga do Oriente: resultados e considerações finais

Neste último tópico deste relato de experiência, apresento a culminância do caminho teórico metodológico percorrido no semestre de 2023.2 em *Prática como componente curricular II*. Demarco, aqui, como foi importante cada escolha temática e a relação destas escolhas com a experiência de cada discente, isto é, suas experiências de vida, suas leituras, suas conexões com o livro didático no ensino básico, suas angústias e proposituras para o estudo do Oriente. O que será apresentado aqui tem uma relação intrínseca com o que pensam sobre ser docente assim como sobre a história do Oriente poder fazer parte da vida de crianças e adolescentes.

As produções dos capítulos dos livros didáticos fizeram parte de um diálogo constante com o cotidiano de cada um. Um cotidiano no qual muitos discentes tiveram acesso a essa ferramenta pedagógica como, também, aqueles que não tiveram acesso e passaram a manuseá-la na Universidade. Levando isso em consideração, foi importante a interação de cada um com o livro didático assim como as ações da pesquisa histórica para repensarem suas experiências de aprendizagem. Dessa forma, cada grupo percebeu como foi importante planejar ações para além da centralidade do livro didático no ensino básico. Como assim? Primeiramente, perceberam que para produzir um livro didático é preciso estudar as relações de poderes que ali estão publicadas e, por isso, devem compreender que

nas páginas do livro didático se apresentam explícita e implicitamente representações simbólicas do mundo a que os jovens têm acesso; aquelas revestidas com uma aparente neutralidade correspondem a relações de poder que, em geral, reproduzem situação de dominação social e cultural. (DIÁZ, 2011, p.620)

Por isso, foi um passo importante fazer questionamentos aos conteúdos sobre o oriente antigo no livro didático a fim de delimitarem o que iriam pesquisar e divulgar no seu capítulo. Omar Díaz é abordado aqui no sentido de trazer tanto o

### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

debate de Said (1996) como de Foucault (2009) para a educação já que é preciso estabelecer um diálogo constante com propostas editoriais, construção de sentidos assim como os tipos de imagens que são reproduzidas sobre o Oriente.

Em um segundo momento de produção, os grupos demonstraram que o livro didático podia ser um aliado importante para um diálogo com os conteúdos já produzidos sobre o Oriente Antigo. E, por consequência, levaram para suas produções um resultado bem particular do conhecimento histórico: selecionaram fontes e conteúdos que dialogaram com o que já tinha sido produzido.

Dessa forma, nos dois primeiros exemplos que apresento, aqui, Anderson Dias e Julia Bruna se preocuparam em abordar a representação feminina com a Rainha Puabi. Elayne e Letícia deram destaque à Nisaba. Diante dessas escolhas, ambos iniciaram suas pesquisas a partir do que não observaram e não estudaram no ensino básico quando o tema foi a Mesopotâmia.

**Figura 1 - A Rainha Puabi**



**Fonte:** Livro Didático por Anderson Dias e Julia Bruna Almeida

### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

**Figura 02 - Nisaba, a deusa dos grãos**



**Fonte:** Livro didático por Elayne Gomes e Letícia Aguiar.

Nas duas figuras acima, que fazem parte do livro didático elaborado pelos discentes, a pesquisa de fontes históricas para o respectivo tema esteve atrelada à arqueologia que é uma grande parceira para os nossos estudos da história antiga do Oriente. Foi fundamental este diálogo já que para a produção do debate historiográfico, as evidências arqueológicas se tornaram bastante propícias para reconhecimento do Oriente pelos discentes. E foi o que vimos tanto sobre a Rainha Puabi como Nisaba.

Em ambas propostas, destaca-se o que foi apresentado no início do artigo quanto à análise de discurso com Michel Foucault, pois ao avaliarem a seleção de conteúdos que o livro didático divulga, perceberam como essa materialidade é um espaço de poder. Nesse sentido, a pesquisa histórica elaborada pelas duplas expôs,

### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

na prática, como dialogar com outro livro didático que não dão destaque ao papel feminino na historiografia antiga oriental.

Por isso, Katia Pozzer (2016) e Anita Fattori (2020) foram fundamentais para as pesquisas sobre o feminino porque levantaram questionamentos sobre a representação europeia diante do Oriente não apenas no imaginário, mas, também, na produção acadêmica. Segundo Anita, com suas pesquisas e divulgações de fontes antigas, os discentes tiveram acesso ao que ela justifica como “um exercício epistemológico direcionado ao estabelecimento de novos olhares sobre essas sociedades” (FATTORI, 2020, p. 107). Isto é, quando se propôs estudar as organizações familiares a partir do cotidiano das mulheres, ela estabeleceu um diálogo com documentos que mostraram o que seriam os afazeres de mãe, de esposas, de filhas dos mercadores que estavam distantes de suas casas.

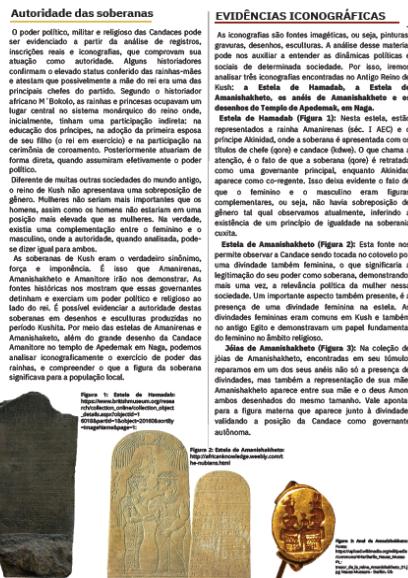
Apesar de não ter sido o tema que instigou a produção de Anderson, Julia, Elayne e Letícia, foi com a autora que perceberam como os regimes de gênero poderiam ser pertinentes para o oriente antigo. Katia Pozzer (2016, p. 19) também foi fundamental por apresentar “o uso, pelos pesquisadores brasileiros, de ampla variedade de documentos, sejam eles fontes escritas, imagéticas ou arqueológicas, e as respectivas metodologias utilizadas em suas análises”. Com ela, conheceram de que forma essas metodologias consolidaram os estudos da antiguidade no Brasil para que se sentissem participantes dessa construção historiográfica.

A presença da história cultural na historiografia antiga oriental foi uma marca nesse debate já que “diversos autores fortemente influenciados pelos estudos culturais procuraram renovar a História Antiga (...) justamente, da desconstrução de seus pressupostos e objetos tradicionais” (MORALES & SILVA, 2020, p. 129). Seguindo este caminho, apresento as figuras 05 e 06, abaixo:

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

**Figura 5 - As Candaces**



**Fonte:** livro didático por Alison Lopes e Mayara da Silva.

**Figura 6 - O Egito Negro**



**Fonte:** Livro Didático por Ezequias Rosendo e Acaz Dias

## ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Nessas duas produções, os discentes abordaram o olhar para o oriente antigo diante das candaces e o Egito com representações negras ao longo da sua história. A escolha dos temas foi realizada de acordo com as pesquisas de cada dupla com perguntas e hipóteses produzidas a partir de: “onde estão as mulheres que se destacaram em reinos no continente africano e fizeram contatos com o oriente próximo?” ou “por que só estudo sobre Egito representações de pessoas brancas?” Com esses questionamentos, as duplas organizaram os seus capítulos de livro baseados em leituras que desafiaram a historiografia ocidental branca visando fontes que foram planejadas para cada momento de sua narrativa.

Por isso, as evidências iconográficas e a estela são o destaque nesta produção do livro didático a fim de que compreendamos como a busca dessas fontes estão ligadas a uma mudança que se consolida em meados do século XX com o movimento Pan-Africano e coloca Cheikh Anta Diop como “um dos responsáveis por uma revolução na historiografia africana, tendo na reivindicação de uma negritude egípcia sua defesa de pesquisa por toda a sua vida intelectual” (SAGREDO, 2017, p. 08). Por causa desse debate e de perguntas realizadas pelas duplas, a confecção do capítulo, para um livro didático, esteve atrelada ao que não estudaram e não se viram representados na historiografia ao longo da sua educação histórica no ensino básico. Uma representação que foi discutida na sala de aula do curso de licenciatura em história da UFRN a partir do momento que os discentes colocaram em questão como poderiam trabalhar em sala de aula o quem são os negros além do tema da escravidão.

Ao colocarem em questão suas histórias como fundamentais para a formação docente, me remeti ao texto de Silvana Fernandes Mariz (2021) sobre a geopolítica dos saberes assim como o debate que José Rivair Macedo (2004, p. 116) diante da descolonização: “Descolonizar o ensino de história significa, portanto, reconhecer identidades em geral deixadas por nós em segundo plano”. Ao ressaltarem a importância Por isso, quando as duplas colocaram em prática a seleção de conteúdo

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

a partir da descolonização levando em conta a geopolítica dos sabres, colocaram como central a formação docente diante um currículo afrorreferenciado de história antiga. Um caminho que foi iniciado em *Prática como componente curricular II* no campus de Natal da UFRN com o protagonismo discente.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. Materiais didáticos: concepções e usos. In: \_\_\_\_\_. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

CAVALCANTI, Erinaldo. História, livro didático e formação docente: produção, limites e possibilidades. **Antíteses**, v. 11, n. 22, p.520-537, jul./dez. 2018.

DÍAZ, Omar Rolando Turra. A atualidade do livro didático. **Linhos Críticas**, Brasília, DF, v. 17, n. 34, p. 609-624, set./dez. 2011.

FATTORI, Anita. Atuação de mulheres assírias nas redes de comércio inter-regional do II milênio AEC: possibilidades de abordagens de gênero nos estudos da antiga mesopotâmia. In: **Mare Nostrum: Ensaio sobre o Mediterrâneo Antigo**. São Paulo, v. 11, nº 1, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HECKO, Leandro. O que ensinar em história antiga? In: ASSUMPCÃO, Luis Filipe Bantim; CAMPOS, Carlos Eduardo Costa (org.) **Caminhos da Aprendizagem Histórica: Ensino de Pré-História e Antiguidade**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UFMS, 2021.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 109 –125.

MARIZ, Silvana Fernandes. Por um currículo afrorreferenciado de história antiga e medieval. **Brathair** 21 (1), 2021.

## ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

MORALES, Fábio Augusto & SILVA, Uiran Gebara. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 40, nº 83, 2020

OLIVEIRA, Itamar Freitas de; OLIVEIRA, Margarida Dias de. Livros didáticos de História: consolidação e renovação de um objeto de pesquisa. In: ANDRADE, Juliana Alves; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. 2. ed. [e-book]. São Leopoldo: Oikos, 2021.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.

POZZER, Katia. Do prazer e da dor em estudar a Antiguidade Oriental: uma reflexão sobre o uso de fontes. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 8, p. 18-34, 2016.

\_\_\_\_ Arte, sexo e religião: a deusa Istar na Mesopotâmia. **Das questões**, n 5, jan/jul 2018

ROCHA, Helenice. Desafios presentes nos livros didáticos de história: narrar o que ainda está acontecendo. **Revista História Hoje**, v. 7, nº 14, p. 86-106- 2018

RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.) **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SAGREDO, Raisa. Miradas afrocênicas em torno da africanização do Egito Antigo: entre racialização e identidades. **Faces da História**, Assis-SP, v.4, n ° 2, p. 06-27, Jun.-Dez., 2017.

SAID, Edward. Orientalismo: **O Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOUZA, Juliana Teixeira. Educar para as relações étnico-raciais na escola e na universidade. In: PEREIRA, Nilton Mullet; ANDRADE, Juliana Alves de (orgs). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. 2. ed. [e-book]. São Leopoldo: Oikos, 2021.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade